

MEMÓRIA E HISTÓRIA: FORTALECENDO A IDENTIDADE QUILOMBOLA DO SÍTIO VEIGA EM QUIXADÁ

Memory and History: strengthening the quilombola identity of Sítio Veiga in Quixadá

Ana Carla Estevão da Silva ¹

Geanderson da Silva Filho ¹

Marlyenya Rodrigues Teixeira Oliveira ²

Elisângela Barbosa da Silva ³

RESUMO:

Na cidade de Quixadá-CE, localizada na zona rural do distrito de Dom Maurício, há uma comunidade de moradores descendentes de africanos escravizados denominada quilombo Sítio Veiga. Apesar do tempo de vivência naquele território, o quilombo Sítio Veiga ainda é desconhecido por muitos habitantes do município e pouco valorizado por aqueles que o conhecem, reforçando a invisibilidade, preconceito e o racismo cultural. Neste sentido, este projeto tem como objetivo resgatar, através do gênero textual memória, a história da comunidade remanescente do quilombo Sítio Veiga: chegada dos primeiros habitantes, permanência e posse de território, lutas, conflitos, cultura, tradição, economia, religiosidade e personagens que marcaram o quilombo, contribuindo para o reconhecimento, valorização e fortalecimento da identidade dos moradores dessa comunidade. Para isso, realizou-se estudo do tipo qualitativo, pesquisa etnográfica, entrevistas gravadas com os quilombolas da comunidade e transcrição das falas e documentação fotográfica. Portanto, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para o conhecimento, valorização, fortalecimento

ABSTRACT:

In the city of Quixadá-CE, located in the rural district of Dom Maurício, there is a community of residents descended from enslaved Africans called quilombo Sítio Veiga. Despite the length of time they have lived there, the Sítio Veiga quilombo is still unknown to many inhabitants of the municipality and little valued by those who do know about it, reinforcing invisibility, prejudice and cultural racism. In this sense, this project aims to recover, through the genre of textual memory, the history of the remaining quilombo community of Sítio Veiga: arrival of the first inhabitants, permanence and possession of territory, struggles, conflicts, culture, tradition, economy, religiosity and characters that marked the quilombo, contributing to the recognition, appreciation and strengthening of the identity of the residents of this community. To this end, a qualitative study, ethnographic research, recorded interviews with quilombolas in the community and transcription of speeches and photographic documentation were carried out. Therefore, it is hoped that this research can contribute to the knowledge, appreciation and strengthening of the identity of the remaining

1. Estudante do 3º Ano do Ensino Médio no CEJA João Ricardo da Silveira.

2. Especialista em Literatura e Formação do Leitor pela Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC – UECE). Professora de Língua Portuguesa do CEJA João Ricardo da Silveira

3. Especialista em Língua Portuguesa. Professora de Português do CEJA João Ricardo da Silveira.

da identidade dos remanescentes quilombolas do Sítio Veiga e ainda cooperar para a construção de uma sociedade antirracista.

quilombolas of Sítio Veiga and also contribute to the construction of an anti-racist society.

Keywords: Identity. Memory, Quilombo. Sítio Veiga.

Palavras-chave: Identidade. Memória. Quilombo. Sítio Veiga.

1. INTRODUÇÃO

Na cidade de Quixadá-CE, na zona rural, há uma comunidade de moradores descendentes de africanos escravizados denominada quilombo Sítio Veiga. Em 2009, o quilombo conquistou o certificado de comunidade remanescente quilombola. Localizada a 6 km do Distrito de Dom Maurício, distante 25 km da sede do município, uma pequena cadeia montanhosa com 24 quilômetros de comprimento. Apesar do tempo de vivência naquele território, o quilombo Sítio Veiga ainda é desconhecido por muitos habitantes do município e pouco valorizado por aqueles que o conhecem, reforçando a invisibilidade, preconceito e o racismo cultural.

A exclusão social que tem marcado a história dos quilombos brasileiros não se mostra diferente nesta comunidade. Nessa perspectiva, a escola CEJA João Ricardo da Silveira desenvolveu o projeto Memória e História: fortalecendo a identidade quilombola do Sítio Veiga em Quixadá com o intuito de resgatar e registrar sua história por intermédio do gênero textual memória, bem como qualificar o enfrentamento de fronteiras étnicas, possibilitando o empoderamento da população negra e o letramento racial.

A resistência vai da necessidade cotidiana de afirmação no seio da sociedade à incessante busca pela manutenção de suas identidades, tradições e ancestralidade. Para tanto, o caminho se perfaz através de um movimento de reconhecimento da historicidade e da trajetória de organização e luta das famílias pertencentes a esse quilombo, cujo itinerário é marcado por resistências e lutas, visando o respeito e dignidade.

Com base nos pressupostos do artigo 216 da Constituição Federal de 1988, que institui o dever do Estado em garantir a manutenção do patrimônio cultural brasileiro – dentre os quais consta memória dos grupos formadores da sociedade brasileira –, bem como na Lei 10.639 de 2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História da África e dos africanos e das culturas africana e afro-brasileira no currículo das redes oficiais de ensino, a comunidade escolar do Centro de Educação de Jovens e Adultos João Ricardo da Silveira mobilizou-se a fim de conhecer, investigar e contribuir com a comunidade quilombola Sítio Veiga.

A investigação na comunidade quilombola Sítio Veiga se constrói através de um trabalho pedagógico inter e transdisciplinar, que agrega os componentes curriculares de Linguagens, Ciências da Natureza, Matemática e Ciências Humanas, instituindo teias entre as dimensões não apenas culturais e sociais, mas ética, econômica e tecnológica através da parceria de instituições público e acadêmica

Por meio de narrativas, publicaram-se memórias antológicas do Sítio Veiga, não apenas como um instrumento de apropriação da história, patrimônio imaterial a ser conhecido e valorizado, mas também como subsídio didático aos educadores quixadaenses, imprescindível ao diálogo intercultural no trabalho

curricular da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", em atenção ao que preconiza a Lei 10.639/2003 e o Art. 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. (9394/1996).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Relatar a trajetória do quilombo Sítio Veiga pressupõe, inicialmente, entender o "quilombo" e sua contextualização histórica. A escravidão no Brasil foi efetivada nas primeiras décadas da colonização, em 1530, pelos portugueses, ao instituir o sistema de capitanias hereditárias baseado na mão de obra escrava, a princípio a escravidão indígena e, depois, a africana.

A escravidão indígena foi substituída pela escravidão africana na década de 1550, momento em que se deu a chegada dos primeiros africanos ao Brasil através do tráfico negreiro, típico comércio entre portugueses e reinos africanos que se constituía na compra de escravos. O Brasil, ao longo de trezentos anos de existência do tráfico negreiro, foi o país que mais recebeu africanos para serem escravizados.

No início, o trabalho escravo era direcionado à produção de açúcar nos engenhos, vez que esse produto era exportado para o mercado internacional.

A vida dos escravos era marcada pela violência dos senhores feudais e das autoridades coloniais, sendo uma mão de obra barata e de multiúso. Vivendo sob violência constante, os escravizados africanos manifestaram suas dores por meio de lutas e buscavam a liberdade, formando os quilombos, espécie de movimento emancipatório. Moura (1989) ao definir "quilombo", assim o apresenta:

[...] movimento de rebeldia permanente organizado e dirigido pelos próprios escravos que se verificou durante o escravismo brasileiro em todo o território nacional. Movimento de mudança social provocado, ele foi uma força de desgaste significativa ao sistema escravista, solapou as suas bases em diversos níveis, econômico, social e militar e influiu poderosamente para que esse tipo de trabalho entrasse em crise e fosse substituído pelo trabalho livre. (p. 22)

Ademais, com o passar dos anos, aconteceu um processo progressivo de extinção das comunidades quilombolas e os resistentes a esse movimento são hoje chamados de Remanescentes de Quilombos. Situar historicamente a constituição do quilombo Sítio Veiga no distrito de Dom Maurício, Quixadá-CE, faz-se necessário um recuo no tempo a fim de se compreender o regime escravista em Quixadá.

2.1 Gênero textual Memória: Concepção

De acordo com o dicionário Latino Português (SILVA, 2009), a palavra memória está relacionada às recordações de fatos ocorridos em um determinado tempo ou espaço. Assim, memória é a recordação de histórias, de fatos e de experiências vividas. Estas lembranças contribuem no fortalecimento de conexões significativas entre o passado e o presente.

A função social do gênero textual memória literária é manter viva a memória individual e coletiva de uma comunidade ou sociedade. Ao registrar e transmitir relatos pessoais, eventos históricos, tradições e valores culturais, esse gênero contribui para a preservação e a transmissão do patrimônio cultural de um povo, como enfatiza Pollak (1989, p. 3):

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade

Portanto, também pode servir como uma forma de resistência contra a marginalização e o apagamento de certos grupos sociais, permitindo que suas vozes sejam ouvidas e valorizadas.

No mais, a estrutura teórica deste projeto enfatiza e apoia-se no contexto histórico e nos conceitos abordados em *Quilombos: Identidade e História* (SOUZA, 2012) e *Superando o Racismo na Escola* (MUNANGA, 1999), no qual julga-se apropriados para fins didáticos a ser trabalhado em discussões.

3. METODOLOGIA

O projeto surge nas reflexões decorrentes das aulas sobre a terceira geração romântica da literatura brasileira no CEJA João Ricardo da Silveira, localizado no município de Quixadá, no sertão Central do Ceará. Foi realizada uma pesquisa qualitativa em uma comunidade remanescente quilombola, localizada no interior da cidade de Quixadá, movidos pela necessidade e o desejo de resgatar e fortalecer a identidade dos quilombolas do Sítio Veiga através do gênero textual memória.

O desenvolvimento metodológico da investigação foi realizado a partir de uma abordagem de predominância qualitativa. Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 32), "[...] a pesquisa qualitativa preocupa-se, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais"

O aprofundamento teórico foi efetuado por meio do levantamento bibliográfico, pesquisa de campo de forma a resgatar através da história oral a vida e a cultura do povo quilombola ali residente. A pesquisa traz também cunho etnográfico com o grupo tendo como foco retomar e discorrer suas histórias, experiências e tradições. Utilizou-se como instrumentos de pesquisa, entrevistas gravadas e transcritas, documentação fotográfica e conversas com moradores da comunidade remanescente do quilombo. A partir dessas discussões foi possível uma melhor compreensão sobre políticas, leis que amparam as comunidades quilombolas, e através de um diálogo intercultural, contribuir para a construção de uma sociedade antirracista. Para Stanger,

"[...] Um povo que não guarda suas histórias, suas memórias, seu patrimônio, não sabe quem realmente é. Essas memórias estão guardadas em seu patrimônio cultural que deve ser preservado, restaurado, contado, cantado, de tal maneira que possa despertar nas pessoas seu real valor para construção de sua história (2009, p. 2).

Assim, os depoimentos orais compartilhados informalmente pelos moradores do Sítio Veiga expressam uma valorização do passado e um anseio em manter suas tradições e costumes recebidos dos seus ancestrais. Como foi falado por Ana Eugênio, quilombola do Sítio Veiga:

"Nós somos povos da memória. Os nossos conhecimentos sobre as plantas, sobre as raízes, sobre a dança de São Gonçalo, enfim, esses saberes estão contidos na nossa memória, por isso que ninguém apaga. É isso que fez com que esses conhecimentos perdurassem até hoje, há mais de um século. Às vezes a galera diz assim: vai acabar. Não, gente, não acaba. Estamos lá cantando, dançando, festejando há mais de um século. [...]Então, esses conhecimentos perduram até hoje nas famílias quilombolas e são transmitidos de forma geracional do mais velho para os mais

novos. A partir da oralidade, essa transmissão é de suma importância, porque é o que vai assegurar que as próximas gerações, também tenham acesso a esse conhecimento". (Ana Eugênio, quilombola entrevistada em 23 de novembro de 2023)

É possível também perceber por meio das entrevistas o reconhecimento da negritude e as mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais no quilombo ao longo do tempo. Como ressalta o Sr. Joaquim Roseno (Mestre da Cultura).

"Eu nasci em 19 de fevereiro de 1939 em Quixadá. Sou agricultor desde que nasci. sempre passei por muitas dificuldades, era muito difícil colocar comida em casa pros meus filhos, as coisa hoje é diferente, tem muita facilidade pra tudo, os menino hoje bota banca pra comer. No meu tempo comia o que tinha. Hoje em dia, não. Hoje em dia nós estamos no céu. Tu tem ajuda de todo jeito. No tempo não tinha nenhum. Fiquei velho, estou velho e tem gente que não gosta de ser chamado de velho, pode me chamar de velho. É que nem nego pode me chamar de nego que eu sou negro, eu sou da família, nêga, eu. O meu pai era como era." (Joaquim Roseno, quilombola entrevistado em 07 de agosto de 2023)

Figura 1 – Casa do Senhor Joaquim Roseno, quilombola do Sítio Veiga.



Fonte: Produção dos autores do projeto.

Figura 2 – Casa do Senhor Joaquim Roseno, quilombola do Sítio Veiga.



Fonte: Produção dos autores do projeto.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Estreitar as conexões de nossa ancestralidade e a memória deixada pelos que nesta cidade viveram, a exemplo dos moradores do quilombo Sítio Veiga, que resistiram e ainda resistem aos diversos conflitos oriundos de uma outrora Quixadá escravista, é investir na tecitura de uma educação antirracista. Nesse contexto, insere-se a concepção de ensino e de aprendizagem como ato político, de consciência crítica sobre si e sua volta. Como diz Freire:

Nenhuma teoria da transformação político-social do mundo me comove, sequer, se não parte de uma compreensão do homem e da mulher enquanto seres fazedores da História e por ela feitos, seres da decisão, da ruptura, da opção (2022, p. 67).

Essa pesquisa possui o propósito de conhecer o outro e conhecendo-o ser modificado por ele numa troca de conhecimentos, numa busca de memórias subterrâneas, como afirma Pollack:

[...] uma memória que não faz parte da narrativa hegemônica promovida pelo Estado ou por grupos sociais dominantes". Ela é a lembrança que pertence a grupos minoritários e é mantida por eles em seus meios domésticos ou comunitários." (1989, p.3).

O projeto "Memória e História: fortalecendo a identidade quilombola do Sítio Veiga em Quixadá" valoriza e recupera as narrativas contadas pelos remanescentes quilombolas do Sítio Veiga. Considerando o que

afirma Dealdina (2020, p.14): "[...] se a história é nossa, deixa que a gente conta". O projeto desenvolvido na prática pedagógica da EJA tem modificado a percepção da comunidade escolar em relação a educação antirracista, tema tão polarizado na sociedade. Laura Sousa afirma que: "Somente com os avanços dos estudos sobre o quilombismo é que começou a rememoração das histórias de resistência e afirmação identitária". (2012, p. 14).

A partir do desenvolvimento metodológico, ou seja, das entrevistas e transcrições das falas dos remanescentes quilombolas do Sítio Viga, elaborou-se uma Memória Antológica que servirá como importante recurso de pesquisa em acervos culturais e educacionais de Quixadá. Na perspectiva de manter viva a história desse povo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer as memórias dos moradores do quilombo Sítio Veiga foi de extrema relevância para a valorização e o fortalecimento da identidade desse povo. Conforme os entrevistados contavam suas memórias, ia-se mergulhando em seus costumes, comportamentos e crenças. Percebe-se ainda que o relato de memórias dos quilombolas mais antigos para os mais novos gerou um sentimento de pertencimento ao lugar. E nessa partilha ancestral foi-se resgatando a história a qual está registrada em uma Memória Antológica que contribuirá para a perpetuação de saberes e valores. Dessa forma espera-se que a identidade cultural desta comunidade possa ser mais reconhecida e mais valorizada pela sociedade.

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e Observação Participante**. São Paulo: Editora Artmed, 2009.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 20 ago. 2023.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/03/leis/2003/L10.639>. Acesso em: 20 ago. 2023.
- BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, 21 jul. 2010. Disponível em http://www.planalto.gov.br/_03/leis/2003/L12288. Acesso em: 20 ago. 2023.
- COSTA, João Eudes. **Retalhos da História de Quixadá**. Rio, São Paulo, Fortaleza: ABC Editora, 2002.
- DEALDINA, Selma dos Santos (Org.). **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 74ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2022.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- MOURA, Clóvis. **História do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1989.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 3-15, 1989.
- SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. **Quilombos: Identidade e História**. 1.ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- SILVA, Amós Coêlho. **Dicionário Latino-Português**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- STANGER, Mônica Zanellato. **Memória, Patrimônio e História: Uma abordagem prática**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducaçao.pr.gov.br/Portals/Pde/arquivos/2513-8.pdf>. Acesso em: 25 out. 2017.